

## Uma distinção entre entidades e unidades linguísticas: implicações para o método em Linguística

### A distinction between linguistic entities and units: implications for the method in Linguistics

Cármem Agustini\*  
Flávia Santos da Silva\*\*

---

**RESUMO:** No presente artigo, buscamos problematizar, a partir de uma leitura do *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure, a distinção conceitual entre entidade e unidade linguísticas. Embora essa distinção possa parecer irrelevante, ela não o é; ao contrário, ela pode contribuir para ressignificar algumas leituras do *Cours* e, assim, redimensionar o discurso da Linguística sobre ele. É preciso, então, (re)visitá-las para não reduzi-las a uma mera sinonímia. Estudá-las pode ser uma forma de dar densidade às afirmações de que não há, no Saussure do *Cours*, o tão propalado expurgo do sujeito-falante. Pensar essa distinção no espaço do presente artigo é uma forma de dar a ver que as unidades da língua estão em função da produção da fala e do sujeito-falante que as delimita no mo(vi)mento de significação. Para melhor explicarmos a distinção entre os dois conceitos, analisamos algumas manifestações da linguagem, como propaganda, piada, notícia e provérbio, a fim de evidenciar o modo como o sujeito-falante delimita uma entidade concreta em unidade linguística. Assim procedendo, demonstramos que essa distinção conceitual está na base do método linguístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Entidade. Unidade. Sintagma. Sujeito-falante.

**ABSTRACT:** This article discusses the conceptual distinction between linguistic entities and language units, having as a starting point the *Cours de Linguistique Générale*, by Ferdinand de Saussure. Although this distinction may seem irrelevant, it is not; on the contrary, it can contribute to change some discourses supported by Linguistics on this topic. It is important to redefine them not to take them as synonyms. Besides, rethinking misinterpretations about this book will possibly reinforce the very fact that Saussure does not expurgate the speaking subject from his reflections. Thus, making the distinction between linguistic entities and language units allows us to show that language units exist and are necessarily related to the production of speech. It is up to the subject to delimit such language units in the process of signification. In order to show the distinction between the two concepts, we analyze some manifestations of language, such as advertising, jokes, news and sayings. This analysis makes it clear how the subject delimits a concrete entity into a linguistic unit in order to demonstrate that this distinction is on the base of a linguistic method.

**KEYWORDS:** Entity. Unit. Syntagm. Speaking-subject.

---

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professora no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

\*\* Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

## 1. Palavras iniciais

A despeito de todas as polêmicas que o envolvem, o *Cours de Linguistique Générale* (doravante CLG), de Ferdinand de Saussure, é uma obra fundamental para a Linguística Moderna. Daí advém o interesse sempre renovado por ele. Embora haja muitos trabalhos sobre diversos aspectos nele abordados, ainda há muito por analisar da história de suas ideias linguísticas. É nessa perspectiva que o presente texto lança mais um olhar sobre o CLG, especificamente sobre a distinção entre entidades e unidades linguísticas, de modo a compreender e explicitar como essa distinção impacta o método linguístico fundado por Saussure.

É inegável que uma grande preocupação de Saussure refere-se à concepção de língua e à natureza de sua unidade. Diferentemente de outras ciências que possuem um objeto bem definido, o objeto da Linguística mostra-se irreduzível à sua posituação, isto é, à substancialização que o torne uno. Ele é de natureza paradoxal. Marcado pela contradição, é, ao mesmo tempo, existente e inexistente, concreto e abstrato. A língua não existe em si e por si; ela está na fala e da fala depende. No entanto, somente há fala porque há língua. A língua em si e por si é uma abstração, no sentido de que não é uma substância; na fala, sua existência é marcada pelas coerções que ela imprime no sujeito-falante em condição de discurso, o que resulta em seu caráter concreto. Assim, considerando sua natureza paradoxal, buscamos explorar esse aspecto em função de uma distinção entre entidades e unidades linguísticas. Para tanto, analisamos detidamente os capítulos dois e três da segunda parte do CLG e, na sequência, jogamos com as unidades contidas em algumas manifestações da linguagem, a fim de dar conta deste jogo em uma análise metódica.

Nosso objetivo, portanto, é demonstrar o aspecto relacional da língua em Saussure e, procedendo dessa forma, evidenciar seu impacto sobre o método saussuriano de análise. Essa demonstração, além de desqualificar a tão propalada afirmação de que Saussure teria expurgado o sujeito-falante e o sentido de sua Linguística, também revigora o modo de ler as dicotomias saussurianas, uma vez que elas são postas em relação de interdependência e, em decorrência, de funcionamento conjunto. Esse é um dos modos possíveis de ressignificar as leituras do CLG e contribuir para a projeção de outros discursos da Linguística sobre a linguística de Saussure.

## 2. Abrindo um capítulo no CLG: a delimitação das unidades na Linguística

Nos capítulos dois e três da segunda parte do CLG, Saussure dedica-se a diferenciar entidades e unidades linguísticas; no final do segundo capítulo, há a afirmação de que parece não haver diferença entre esses dois conceitos – a noção de entidade parece confundir-se com a de unidade e vice-versa. Por esse motivo, partimos da problemática do CLG em que Saussure deixa exposta a dificuldade na delimitação dessas duas noções, para compreendermos sua relação com outros mecanismos da língua, a saber: o valor e a realidade linguística, e o seu papel para a linguística sincrônica. Assim, “quer se procure determinar a unidade, a realidade, a entidade concreta ou o valor, isso remeterá sempre a colocar a mesma questão central que domina toda a linguística estática” (SAUSSURE, 1964, p. 154)<sup>1</sup>. Essa questão refere-se a saber se o signo é uma entidade ou uma unidade linguística, o que, para Saussure, permanece como uma questão a investigar, dado que, ao limitar a unidade, não se consegue delimitar a entidade e vice-versa. Para Saussure, não foram encontrados critérios adequados o suficiente para esclarecer essa questão.

Tanto é que ele afirma que “Não podemos dizer que jamais sejamos colocados diante deste problema central, nem que tenhamos compreendido seu alcance e dificuldade; em matéria de língua, sempre nos contentamos em operar sobre unidades mal definidas” (SAUSSURE, 1964, p. 154)<sup>2</sup>. Se a noção de unidade está mal definida, a de entidade também está e, por conseguinte, a de signo linguístico. Sendo esta uma noção reunida na noção de língua, que é o objeto da Linguística, refletir sobre essas definições torna-se um imperativo, posto que revela a maneira mesma como o linguista faz seus cortes nas porções de língua de que dispõe.

Para empreender essa discussão, estudamos os capítulos dois e três do apartado sobre Linguística Sincrônica do CLG na edição crítica de Rudolf Engler<sup>3</sup>, a fim de abordar esse problema também a partir da perspectiva dos cadernos dos alunos de Saussure, os quais podem (re)velar conceituações importantes para a teorização da distinção entre entidade e unidade linguísticas. Em seguida, analisamos recortes de manifestações da linguagem, em Língua

---

<sup>1</sup> Tradução nossa de: “que l’on cherche à déterminer l’unité, la réalité, l’entité concrète ou la valeur, cela reviendra toujours à poser la même question centrale qui domine toute la linguistique statique”. Todas as traduções encontradas neste artigo são nossas.

<sup>2</sup> “on ne peut pas dire qu’on se soit jamais placé devant ce problème central, ni qu’on ait compris la portée et la difficulté; en matière de langue on s’est toujours contenté d’opérer sur des unités mal définies”.

<sup>3</sup> As traduções que apresentamos da obra crítica de Engler são nossas, uma vez que essa obra ainda não foi traduzida para o português.

Portuguesa, a fim de, por meio do emprego da língua, extrair uma compreensão sobre o funcionamento das unidades linguísticas.

## 2.1. As unidades concretas da língua

No segundo capítulo, “Les entités concrètes de la langue”, do apartado sobre Linguística Sincrônica, Saussure (1964, p. 144) afirma que os signos podem ser tidos como entidades concretas porque são reais, porque existem de fato na língua, não advindo de uma mera abstração dos linguistas. Para diferenciar a abstração da concretude, esse autor postula a seguinte propriedade dos signos: eles são entidades concretas porque só existem pela associação do significado com o significante – o significante sozinho é matéria de estudo da Fisiologia, por isso, abstrato para a Linguística; o significado em si é objeto da Psicologia, sendo assim, isolado, também abstrato para a Linguística.

No caderno dos alunos, por exemplo, no de Sechehaye, há a colocação de que a abstração, na verdade, seria uma falsificação do signo: “Se tomarmos somente uma das partes, falsificamos a entidade: fizemos uma abstração” (SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 231)<sup>4</sup>, isto é, o isolamento de um dos componentes do signo produz a negação de sua existência. Por exemplo, as sílabas, elas mesmas, não são linguísticas, uma vez que são apenas porções isoladas do significante. No caderno de Caille, há inclusive a seguinte advertência: “Não fazer divisão silábica!” (SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 232)<sup>5</sup>, isto é, a separação silábica é pura abstração. Por conseguinte, o linguista não deveria tomar esse procedimento para tratar de unidades linguísticas. Apenas uma porção de cadeia acústica relacionada a um significado pode ser tomada pelo linguista como concreta; portanto, como linguística.

Por isso, Saussure (1964, p. 65) utiliza a metáfora de que, da mesma forma que o hidrogênio e o oxigênio, isoladamente, não formam água, significante e significado tomados separadamente também não formam signo. Consequentemente, o significado é apenas a qualidade de uma matéria fônica, o que a torna um significante, e o significante é apenas uma qualidade de um conceito, o que o torna um significado (cf. SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 233). Não há substancialização nem um *a priori* o do qual o linguista pudesse servir-se para empreender suas análises.

---

<sup>4</sup>“si on ne prend qu’une des parties, on falsifie l’entité: on a fait une abstraction”.

<sup>5</sup>“ne pas trancher par syllabes!”.

Dessa maneira, é possível equiparar a noção de “entidade concreta” à noção de “signo”. Mais adiante, Saussure explica que a noção de “entidade concreta” pode equivaler à noção de “unidade” na medida em que consideremos que um signo só pode determinar-se na cadeia fônica quando é delimitado. Isso porque essa cadeia é linear e, por sê-lo, não oferece entidades delimitadas *a priori*; mas, antes, uma fita contínua, cuja materialidade não oferece as divisões entre as entidades.

Para tal, é necessário fazer apelo às significações: “Mas, quando sabemos qual sentido e qual papel se deve atribuir a cada parte da cadeia, então podemos ver essas partes destacarem-se umas das outras, e a fita amorfa recortar-se em fragmentos; ora, essa análise nada tem de material” (SAUSSURE, 1964, p. 145)<sup>6</sup>. É interessante notar que, no caderno dos alunos, aparece, além da consideração da significação, a operação positiva ou de aplicação da atenção, o que permite ao sujeito-falante estabelecer as divisões na cadeia fônica por meio das ideias ou conceitos que ele mesmo atribui a essa cadeia (cf. SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 235).

A significação seria, pois, a atribuição de sentido que o sujeito-falante imprime à cadeia fônica, fazendo com que as entidades concretas tornem-se entidades delimitadas ou unidades. Destacamos que o termo “sujeito-falante” é do próprio Saussure (cf. SAUSSURE, 1989, p. 41). O sentido não é, pois, fruto de uma subjetividade solipsista. O sujeito-falante não atribui sentido por ele mesmo, até mesmo porque só se é sujeito na e pela linguagem; por conseguinte, o sentido é histórico e relacional; é na relação que ele é atribuído. Por esse motivo, o linguista não pode ver tudo o que está na língua – sua visão é sempre parcelar.

A língua não atribui nada à cadeia fônica; por isso, a delimitação das entidades não é material, mas, antes, psíquica. Com isso, vemos que entidade concreta é o mesmo que signo, mas como “a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados *a priori*” (SAUSSURE, 1964, p. 146)<sup>7</sup>, ele só se torna uma unidade quando o sujeito-falante faz a delimitação. Isso porque, na massa das entidades concretas, não há ponto de delimitação (cf. SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 234) – é o sujeito-falante que faz esses “pontos”.

No caderno de Joseph, vemos que a consequência disso é que “não recortamos, cortamos. A delimitação terá por resultado a constituição de elos de mesma dimensão”

---

<sup>6</sup> “mais quand nous savons quel sens et quel rôle il faut attribuer à chaque partie de la chaîne, alors nous voyons ces parties se détacher les unes des autres, et le ruban amorphe se découper en fragments; or cette analyse n’a rien de matériel”.

<sup>7</sup> “la langue ne se présente pas comme un ensemble de signes délimités d’avance”.

(SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 236)<sup>8</sup>, isto é, como a cadeia é uma corrente contínua e dupla, o sujeito-falante corta (“coupe”), e não recorta (“découpe”) a cadeia. O recorte implica a obtenção de elos da corrente funcionando em dimensões diferentes; o corte, em uma mesma dimensão. Assim, o sujeito-falante, para delimitar as entidades, corta a cadeia porque ela se desenrola em uma só dimensão, dado que os signos da língua não se sobrepõem como no sistema pictórico, por exemplo.

Por conseguinte, o método que o sujeito-falante se utiliza para fazer essa delimitação consiste em ele servir-se da fala para representar a língua e cortá-la na corrente contínua e dupla, composta pela cadeia dos significados e dos significantes. Decorre disso que, se esse sujeito é linguista, ele tem participação como falante na própria análise que realiza. Essa análise não é parcial porque surge, necessariamente, como efeito de como esse linguista opera o corte em uma determinada porção de língua.

Do conhecido exemplo “sižlaprã”, Saussure (1964, p. 146) explica que o sentido permite fazer a divisão em “si je la prends” ou em “si je l’apprends”. Isto é, o sentido viabiliza ao sujeito-falante associar um determinado significante a um significado. A partir da porção individual que ele possui da língua, a fala, ele se coloca na língua, representando-a por duas linhas paralelas, e, assim acontecendo, faz a delimitação. O sentido é o conceito que está para a fala. O significado, o conceito que está para a língua. A significação, a atribuição de sentido à língua. Como posto no caderno de Gautier (cf. SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 239), sem a significação, não é possível fazer com que as entidades concretas da língua se tornem entidades delimitadas na fala, ou seja, unidades linguísticas.

A diferenciação entre corte e recorte, a partir do caderno de Constantin, é posta da seguinte maneira: “Não estou na situação de uma pessoa a quem se daria folha de papel e tesoura e que se convidaria a recortar - mas é como se se apresentasse a nós um fio que só há para cortar” (SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 236)<sup>9</sup>. Em francês, “couper” pode ter o sentido de “dividir algo, parti-lo com um instrumento de corte” (COUPER. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado)<sup>10</sup> e “découper” de “dividir fazendo partições, separando” (DÉCOUPER. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado)<sup>11</sup>. Como o corte implica partilha e o recorte,

<sup>8</sup> “on ne découpe pas, on coupe. La délimitation aura pour résultat la constitution de chaînons de même dimension”.

<sup>9</sup> “par conséquent, je ne suis pas dans la situation d’une personne à qui on donnerait feuille de papier et ciseaux et qu’on inviterait à découper – mais c’est comme si on nous présentait un fil qu’il n’y a qu’à couper”.

<sup>10</sup> “diviser quelque chose, le partager avec un instrument tranchant”.

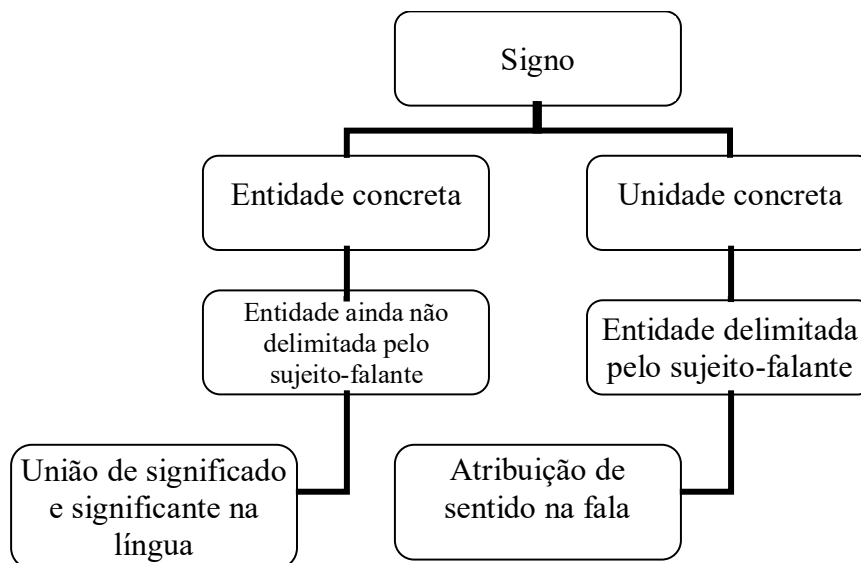
<sup>11</sup> “diviser en cloisonnant, en séparant”.

compartimento, o instrumento de que o linguista se serve para fazer a delimitação é a significação, não para atribuir um sentido que seja só dele, mas para propiciar que o interlocutor partilhe dessa significação. Assim sendo, a fala é uma porção individual da língua na medida em que é a parcela de língua que o sujeito-falante significa a fim de socializá-la.

Por isso, ainda no capítulo do CLG que estamos estudando, para Saussure, a fala é “considerada como documento da língua” (SAUSSURE, 1964, p. 146)<sup>12</sup>, ou melhor, a porção individual da língua não é meramente uma parte estática estocada no cérebro de um sujeito-falante, mas, sobretudo, o documento que ele utiliza para organizar tanto a massa amorfa de ideias quanto a massa amorfa de sons. Por ser documento, essa organização se dá de maneira socializável.

A língua é composta por entidades concretas ou signos. Quando esses são delimitados pelo sujeito-falante, eles se tornam entidades delimitadas ou unidades concretas. Assim, a primeira dificuldade é que a noção de unidade concreta, na frase, não corresponde necessariamente à de palavra. Vejamos o esquema:

**Figura 1** — Diferença entre entidade e unidade.



Fonte: as autoras.

Com esse esquema, mostramos que a noção de entidade concreta é diferente da de unidade concreta, uma vez que esta já seria a entidade concreta delimitada na e pela fala. O signo funciona como entidade concreta quando ainda não passou pela delimitação que o próprio

<sup>12</sup> “envisagée comme document de langue”.



sujeito-falante faz no e pelo uso da língua. E ele funciona como unidade concreta quando há essa delimitação. Considerando o aspecto social do documento de língua que subsidia o corte da cadeia, é oportuno afirmar que, se a repetição é função do funcionamento da língua, esse corte, na verdade, é sempre-já um re-corte, porque é necessário que haja a estabilização do linguístico e, em decorrência, a estabilização de sentido.

Por isso, é preciso pensar a noção de corte na relação com o processo de estabilização das unidades linguísticas, os signos. Isso faz com que o corte que o linguista opera para interpretar uma porção de língua seja um re-corte, porque corta a cadeia de acordo com seu documento de língua, não partindo simplesmente de lugar algum.

Esse documento de língua lhe fornece as associações possíveis. O sujeito-falante não corta a cadeia a partir do nada; daí o corte ser, com efeito, um re-corte. A noção de re-corte não implica a de recortar. Ao contrário, re-cortar, grafado com hífen, sinaliza que o sujeito-falante não está fora das determinações da língua e de sua ordem própria. Essa subserviência do sujeito-falante à ordem própria da língua promove implicações na fala, abrindo, inclusive, a possibilidade de re-cortes diversos. Assim, por ser a unidade linguística delimitada na e pela fala, o corte apresenta muitas dificuldades. A esse respeito, Saussure questiona-se:

Desde que queiramos assimilar as unidades concretas em palavras, encontramos-nos em face de um dilema: ou ignorar a relação, embora evidente, que une ‘cheval’ a ‘chevaux’, ‘mwa’ a ‘mwaz’ etc. e dizer que são palavras diferentes, ou, no lugar de unidades concretas, contentarmo-nos com a abstração que reúne as diversas formas da mesma palavra. É necessário procurar a unidade concreta para além da palavra. (SAUSSURE, 1964, p. 147-148)<sup>13</sup>

Entre “cheval” e “chevaux”, podemos pensar que não se tratam da mesma unidade concreta, mas de palavras diferentes, por se apresentarem sob uma forma diversa – singular e plural – ou considerar que sejam a mesma unidade e a mesma palavra, ainda que sob uma forma diversa. O mesmo ocorre com *mwa*, “*mois*”, em “le mois de décembre”; e *mwaz*, “*mois*”, em “un mois après”. Em “le mois de décembre”, o “s” de “*mois*” não é pronunciado, ao passo que, em “un mois après”, ele é pronunciado de maneira sonora. A questão é saber se o fato de a

---

<sup>13</sup> “Dès qu’on veut assimiler les unités concrètes à des mots, on se trouve en face d’un dilemme: ou bien ignorer la relation, pourtant évidente, qui unit *cheval* à *chevaux*, *mwa* à *mwaz* etc., et dire que ce sont des mots différents, - ou bien, au lieu d’unités concrètes, se contenter de l’abstraction qui réunit les diverses formes du même mot. Il faut chercher l’unité concrète ailleurs que dans le mot”.



unidade ser pronunciada de maneira diferente faz com que ela se torne outra palavra. Sabemos, por exemplo, que “forma”, pronunciado como “o” fechado pode ter o sentido de “molde”, ao passo que, se pronunciado com “o” aberto, pode ter sentido de “formato”.

Sem ter como resolver esse impasse, Saussure (1964, p. 148) postula ser necessário considerar a unidade como algo que está para além da palavra. Em primeiro lugar, porque muitas palavras podem ser tidas como unidades complexas por serem compostas por subunidades – sufixo, prefixo e radical. Assim, “palavra” e “unidade” não é o mesmo, uma vez que a palavra pode ser formada por várias subunidades, isto é, a noção de unidade faria parte daquilo que compõe uma palavra. Em segundo lugar, porque há unidades maiores em extensão que as palavras, por exemplo, o composto “porta-chave” seria uma unidade formada por duas palavras; a locução “não há de quê”, uma unidade formada por quatro palavras; a forma flexional “tinha ido”, uma unidade com duas palavras.

De todos os modos, é necessário considerar que a unidade “acarreta, imediatamente, uma combinação de unidades” (SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 239)<sup>14</sup>, isto é, a unidade está além da palavra porque ela sempre é delimitada na relação com outras unidades. Uma mesma palavra pode tornar-se outra unidade por estar em combinação com unidades diferentes. O problema é saber se o que torna uma palavra uma unidade diferente é a cadeia acústica ou a cadeia de conceitos.

A segunda dificuldade é que a noção de unidade concreta poderia corresponder à de frase, o que Saussure já descarta de antemão: “mas, primeiramente, até que ponto a frase pertence à língua? Se ela provém da fala, não será possível a ela passar por unidade linguística. Admitamos, entretanto, que essa dificuldade seja retirada” (SAUSSURE, 1964, p. 148)<sup>15</sup>. Como a frase pertence à fala, ela não pode ser uma unidade concreta.

O problema que permanece é o fato de que o signo não se apresenta como unidade concreta de antemão ao sujeito-falante, seja ele um leigo ou um linguista. Assim, na Linguística, torna-se difícil delimitar a unidade que lhe é objeto de estudo. Isso porque:

A língua apresenta, então, essa característica estranha e impressionante de não oferecer entidades perceptíveis de antemão, sem que possamos duvidar, porém, que elas existam e que é seu jogo que a constitui. Isso é, sem dúvida,

---

<sup>14</sup>“entraîne tout de suite une combinaison d’unités”.

<sup>15</sup>“mais d’abord jusqu’à quel point la phrase appartient-elle à la langue? Si elle relève de la parole, elle ne saurait passer pour l’unité linguistique. Admettons cependant que cette difficulté soit écartée”.

um traço que distingue a língua de todas as outras instituições semiológicas. (SAUSSURE, 1964, p. 149)<sup>16</sup>

Saussure termina o segundo capítulo com a confissão de que, embora o signo seja uma entidade concreta, ele não é delimitado *a priori*, o que leva ao fato de que estudá-lo como unidade concreta se torna uma tarefa muito difícil devido a todos os problemas com que o linguista se depara para definir sua natureza, a saber: (i) como o linguista delimita a unidade a partir da significação? (ii) a unidade equivale ou não à palavra? (iii) se a unidade é o signo delimitado, a noção de signo corresponderia à de palavra?

## 2.2. Identidades, realidades, valores

O terceiro capítulo, “Identités, réalités, valeurs”, começa com a constatação de que qualquer noção que seja postulada em Linguística Sincrônica depende diretamente da definição atribuída à noção de unidade e, por conseguinte, de entidade. Por esse motivo, esse capítulo é dividido em três itens, introduzidos por perguntas, a fim de fazer pensar a importância da definição de unidade para o desenvolvimento das concepções de identidade, realidade e valor funcionando na sincronia.

A identidade torna-se um problema porque toca a diferença entre entidades e unidades. Para explicar isso, Saussure (1966, p. 151-152) utiliza as metáforas do trem, da rua e do casaco. O que faz com que reconheçamos que o trem que passa hoje às 8h45 foi o mesmo que passou ontem é, de maneira geral, sua hora de partida e seu itinerário. Uma rua pode ser reconhecida como a mesma ainda depois de ter passado por uma reconstrução: isso por sua localização e pelas condições sociais que a permeiam. Em ambos os casos, há algo que não é puramente material e que permite identificar o trem e a rua. Esse algo são todas as circunstâncias que os distinguem dos outros trens e das outras ruas. Essas circunstâncias, por exemplo, o itinerário, a localização, os horários, embora se realizem materialmente, não são elas mesmas materiais, dado que não há nada de intrinsecamente material na localização de uma rua que faz com que ela seja encontrada – se essa localização não estiver em relação com outras localizações, não é possível encontrar a rua. É a diferença que postula a identidade nos dois casos.

---

<sup>16</sup> “La langue présente donc ce caractère étrange et frappant de ne pas offrir d’entités perceptibles de prime abord, sans qu’on puisse douter cependant qu’elles existent et que c’est leur jeu qui la constitue. C’est là sans doute un trait qui la distingue de toutes les autres institutions sémiologiques”.

Agora, na ocorrência de um casaco ser roubado de alguém, qualquer outro que ele venha a comprar para substituí-lo, não será o mesmo que foi roubado. Isso porque o casaco possui propriedades materiais intrínsecas, por exemplo, a cor, o tipo de corte, a marca, entre outros, que fazem com que uma unidade material não possa ter sua identidade reconhecida em outra unidade, ainda que tivessem sido produzidas em série. Por conseguinte, Saussure explana que a identidade linguística se assemelha mais à situação do trem e da rua, uma vez que não são as propriedades intrínsecas das entidades concretas, mas é a oposição das unidades concretas que faz com que um signo possa ser identificado como o mesmo numa circunstância diferente:

Mas a identidade linguística não é a do casaco, mas a do trem expresso e da rua. A cada vez que emprego a palavra ‘Messieurs’, eu renovo a matéria da identidade linguística: é um novo ato fônico e um novo ato psicológico. A ligação entre os dois empregos da mesma palavra não repousa nem sobre a identidade material, nem sobre a exata similitude do sentido, mas sobre os elementos que será necessário pesquisar e que farão tocar a natureza verdadeira das unidades linguísticas. (SAUSSURE, 1964, p. 152)<sup>17</sup>

O signo não possui propriedade intrínseca que o faça ser identificado em circunstâncias as mais diversas. Cada vez que o sujeito-falante delimita uma entidade, ele faz com que ela se torne uma nova unidade, embora se possa reconhecer nesta a mesma entidade. Isso faz com que, no exercício da Linguística, uma análise seja sempre uma nova análise. Da mesma maneira que o trem é reconhecido como o mesmo devido ao seu horário de partida e ao seu itinerário, conquanto no sábado a ferroviária disponibilize um trem amarelo e, no domingo, um vermelho, a unidade é reconhecida como a mesma entidade devido ao fato de as entidades se oporem na língua, permitindo que essa entidade seja o que as outras entidades não são.

Isso se dá justamente porque, embora o corte permita que o sujeito-falante faça a delimitação de uma “nova” unidade, essa unidade é sempre decorrência da estabilização de sentidos na língua. Com efeito, o sujeito-falante, na verdade, corta de novo (re-corta) as entidades em unidades. Assim, na fala, a unidade *Messieurs*, mesmo com um sentido ou uma entonação/sotaque diferente, terá identidade com a entidade *Messieurs* pela maneira como é negada, oposta e diferenciada na língua. Como a fala é heterogênea, é inclusive impossível

---

<sup>17</sup> “Mais l’identité linguistique n’est pas celle de l’habit, c’est celle de l’express et de la rue. Chaque fois que j’emploie le mot *Messieurs*, j’en renouvelle la matière; c’est un nouvel acte phonique et un nouvel acte psychologique. Le lien entre les deux emplois du même mot ne repose ni sur l’identité matérielle, ni sur l’exacte similitude des sens, mais sur des éléments qu’il faudra rechercher et qui feront toucher de très près à la nature véritable des unités linguistiques”.

*Messieurs* ser realizada como unidade sempre com o mesmo sentido, o mesmo sotaque ou entonação. Entretanto, como entidade, *Messieurs* estará envolvida por uma rede de relações tal que o significante e o significado sejam reconhecidos nas diversas realizações da unidade *Messieurs*.

Sobre essas questões, façamos duas ressalvas. Em primeiro lugar, não é a fala que faz a realização material da unidade, mas a vocalização. A fala permite que a unidade seja oralizada com este ou aquele sotaque/entonação, mas não é ela mesma essa oralização. Além do mais, a fala permite que o sujeito-falante atribua sentido(s) ao signo, mas não é ela mesma essa atribuição de sentido, já que, como vimos, isso é a significação. Em segundo lugar, não nos iludamos com que a identidade sincrônica reforce a dicotomia língua e fala. Na verdade, a identidade sincrônica chama a atenção para a tricotomia língua, fala e linguagem. Sem a linguagem, não haveria identidade. É a linguagem que permite estabelecer um ponto de contato entre as relações opositivas em torno da entidade, na língua, e os diversos tipos de realizações da unidade, na fala, dado que ela se constitui por língua e fala.

Em direção à segunda noção que toca a diferenciação entre entidades e unidades, passemos à de realidade linguística, a qual se refere às partes do discurso ou, mais propriamente, à classificação da natureza dos signos linguísticos. Sobre isso, Saussure (1964, p. 152) questiona-se se podemos nos limitar em classificar os signos segundo as categorias forjadas pelos gramáticos, a saber, substantivo, adjetivo, preposição, entre outros. Para tal, ele vale-se da metáfora do globo terrestre: os graus de latitude e longitude não estão postos *a priori* no globo, mas, antes, são forjados a partir de princípios que advêm de convenções que estão fora do orbe, enquanto matéria de elementos químicos, para organizar o tempo e o espaço que o próprio homem inventou. Assim, Saussure problematiza o fato de que as classificações gramaticais não são condicionadas pelo sistema linguístico, mas por convenções extralinguísticas. Isso faz com que a racionalização que a gramática intenta seja irracional e puramente ilusória.

O fato de a língua ser um sistema de entidades relativo-opositivas faz com que estas estejam constantemente se diferenciando, não podendo, portanto, ser sempre enquadradas em um mesmo tipo de classificação. Apropriando-nos do exemplo de Saussure, em “Essas luvas são baratas” (SAUSSURE, 1964, p. 152)<sup>18</sup>, “bon marché” é tido como adjetivo, porém, ele não

---

<sup>18</sup> “ces gants sont bon marché”.

possui as características forjadas para a classe dos adjetivos em francês, pois é invariável e nunca pode ser colocado antes daquilo que é dito substantivo. Ademais, ele é composto por algo que é tido como adjetivo, “bon”, e por substantivo, “marché”. Desta feita, Saussure mostra que pensar o sistema racionalmente implica condicionar as convenções gramaticais a partir do funcionamento do sistema mesmo, e não a partir de causas aparentes que não retratam esse funcionamento. Isso porque “A língua é cheia de realidades aparentes, de fantasmas” (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 239)<sup>19</sup>; assim, é preciso tornar essas realidades aparentes em realidades concretas:

Para desviar-se das ilusões, é necessário, primeiro, convencer-se de que as entidades concretas da língua não se apresentam elas mesmas à nossa observação. Se nos esforçarmos a compreendê-las, teremos contato com o real. Partindo disso, poderemos elaborar todas as classificações de que a Linguística tem necessidade para ordenar os fatos de seu domínio. (SAUSSURE, 1964, p. 153)<sup>20</sup>

O dizer acima nos ensina muito sobre o fazer científico, posto que revela que a realidade é uma elaboração do espírito, nunca está dada no mundo. No caso da Linguística, como as entidades não existem *a priori*, a maneira de racionalizá-las não poderá ser condicionada em favor de propriedades intrínsecas do sistema, uma vez que não existem, mas da maneira como o linguista concebe esse sistema. Conseqüentemente, a classificação das entidades linguísticas não pode escapar ao fato de ser uma convenção. Entretanto, a causa dessa convenção tem que ser o sistema, ou melhor, a maneira como o sujeito-falante olha para o sistema, e não algo que esteja fora do sistema. O fato de a classificação de “bon marché” estar entre os adjetivos não está pautada no sistema, visto que não coaduna com os princípios dele. Dessa perspectiva, trata-se de uma classificação irracional.

A realidade linguística refere-se às unidades concretas, não às entidades concretas. Enquanto estas não forem delimitadas, não é possível descrever sua natureza. Desta feita, um compêndio racional de categorias gramaticais que dê conta dessa realidade tem que se pautar no postulado básico de que a língua não é substância. A entidade só se torna uma realidade por causa da significação. Aqui, pois, estão em jogo duas questões: (i) para classificar a língua, é

---

<sup>19</sup> “la langue est toute pleine de réalités apparentes, de fantômes”.

<sup>20</sup> “Pour échapper aux illusions, il faut d’abord se convaincre que les entités concrètes de la langue ne se présentent pas d’elles-mêmes à notre observation. Qu’on cherche à les saisir, et l’on prendra contact avec le réel; partant de là, on pourra élaborer tous les classements dont la linguistique a besoin pour ordonner les faits de son ressort.”.

necessário voltar-se para a língua mesma e (ii) o sistema só tem realidade devido ao olhar de um sujeito-falante. Consequentemente, ao mesmo tempo em que o linguista não pode forjar qualquer classificação, ele nunca fará uma que seja mais “verdadeira” que outras, mas uma que possa estar mais coerente com o funcionamento do sistema.

No que se refere à terceira noção, a de valor, Saussure (1964, p. 153) assevera que as noções anteriores, de realidade e de identidade, não diferem completamente dela. Para explicar isso, ele utiliza a metáfora do jogo de xadrez. O cavalo, fora do xadrez, é apenas uma peça de madeira destituída de sentido para um jogador. Ele só se torna um elemento do jogo quando em relação com os outros elementos, a saber, o rei, a dama, o peão, entre outros. Se essa peça, ao longo do jogo, for perdida, ela pode ser substituída por uma pedra, ou por um pequeno pedaço de galho, enfim, continuando a desempenhar o mesmo valor no jogo. Assim, Saussure explica que, na língua, as peças do jogo não têm valor pelo que elas são, mas pelas relações nas quais entram. A esse respeito, é necessário chamar a atenção para a diferenciação entre valor e significação, como nos mostra o caderno de Gautier:

Como o valor não é significação, ele é dado por outros dados, por exemplo, pela relação com outras idéias (= pela situação recíproca das peças do jogo de xadrez). A forma não é delimitada *a priori*, fundamentalmente. O próprio valor criará a delimitação (o que é particular à língua). (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 249)<sup>21</sup>

Desta feita, o valor delimita as entidades concretas na língua. Entretanto, essas entidades não se tornam unidades enquanto o sujeito-falante não se servir da significação para fazer ele mesmo o re-corte na fita contínua e dupla da língua, dado que o valor não serve para oferecer entidades delimitadas de antemão ao sujeito-falante, mas para possibilitar o funcionamento da negação, diferença e oposição entre os signos. O valor é um mecanismo que faculta a ordem própria do sistema. A significação é um mecanismo que permite ao sujeito-falante apreender essa ordem própria.

Assim, o valor confere identidade às entidades concretas na língua, o que permite ao sujeito-falante atribuir sentido a elas na fala. Por meio da significação, pois, as entidades concretas se tornam reais para o sujeito-falante, contraindo realidade linguística enquanto unidades concretas. Por esse motivo, embora o sistema só tenha realidade devido ao olhar de

---

<sup>21</sup> “La valeur n’étant pas signification, la valeur est donnée par d’autres données encore, par exemple par le rapport avec d’autres idées (= par la situation réciproque des pièces d’échecs). La forme n’est pas délimitée d’avance, fondamentalement. La valeur elle-même créera la délimitation (ce qui est particulier à la langue)”.

um sujeito-falante por meio da significação, a delimitação das entidades deve estar pautada no funcionamento do sistema mesmo, em virtude do valor. Por causa disso, a noção de valor recobre a de entidade concreta, unidade, realidade e identidade.

Desse modo, o valor é um mecanismo que contribui para que, na língua, possa haver a cristalização social do sentido (cf. SAUSSURE, 1964, p. 29). Essa cristalização não se dá no sentido de engessar a maneira como se pode fazer o re-corte na cadeia acústica, mas, ao contrário, ela acontece no sentido de promover a possibilidade de que o alçamento das entidades em unidades possa ser posto como novo, embora derivado de algo já existente no sistema. Em outras palavras, apesar de a significação ser necessária para a delimitação das unidades, essa significação não é pessoal ao sujeito-falante, mas é algo social que constitui esse sujeito: o novo da delimitação sempre será uma re-apresentação das combinações que a diferença, a negação e a oposição permitem.

Como não é possível falar de uma noção sem tocar na outra, a afirmação de Saussure, a qual recorreremos na introdução deste artigo, “quer se procure determinar a unidade, a realidade, a entidade concreta ou o valor, isso sempre fará retornar à mesma questão central que domina toda a linguística estática” (SAUSSURE, 1964, p. 154)<sup>22</sup>, agora se torna mais legível. Problematizar esses conceitos do signo linguístico. Como o signo é relativo-opositivo, discutir sobre unidade, realidade, entidade ou valor sempre fará voltar-se a essa questão. Assim, Saussure aconselha começar pela definição das unidades a fim de classificá-las. Depois, da classificação das palavras e das subunidades.

Entretanto, como “em matéria de língua, sempre nos contentamos em operar sobre unidades mal definidas” (SAUSSURE, 1964, p. 154)<sup>23</sup>, é possível partir sob diversos ângulos, dos quais, no final do capítulo, Saussure afirma preferir partir da questão do valor, por julgar esse ser o aspecto primordial do signo, já que o valor está para a língua, não para a fala, como o está a significação.

### **3. As entidades e as unidades no emprego da Língua Portuguesa**

A maneira como o linguista delimita uma entidade concreta pode ser evidenciada em diversas manifestações da linguagem, a saber, propaganda, piada, notícia e provérbio, dentre

---

<sup>22</sup> “que l’on cherche à déterminer l’unité, la réalité, l’entité concrète ou la valeur, cela reviendra toujours à poser la même question centrale qui domine toute la linguistique statique”.

<sup>23</sup> “en matière de langue on s’est toujours contenté d’opérer sur des unités mal définies”.



outras. Analisemos, pois, alguns exemplares de algumas dessas manifestações, a fim de melhor mostrar a aplicação da distinção entre entidades e unidades linguísticas em uma descrição linguística.

**Exemplar (1): “Pé de criança, pé de Klin”<sup>24</sup>.**

Na leitura do exemplar (1), propaganda difundida na década de 1990, é possível estabelecer-se uma homofonia que possibilita compreender como o significante é significado no e pelo sujeito-falante. Como a delimitação das entidades concretas não é material, não existe ponto de delimitação na cadeia acústica que estabeleça o limite entre uma entidade e outra tanto para o sujeito-falante quanto para o linguista. E o fato de a escrita, tal como a representamos hoje, exigir que se apresentem espaços em branco entre uma entidade concreta e outra não é causa suficiente para que essas entidades se tornem unidades concretas de imediato. Expliquemo-nos.

É necessário compreender a noção de cadeia acústica para além da oralidade, dado que seu funcionamento também acontece invariavelmente na escrita. No exemplar (1), na porção “pé de Klin”, o fato de haver espaços entre “pé” e “de” não torna essas entidades imediatamente delimitadas, dado que o princípio de que a língua não oferece entidades delimitadas *a priori* também funciona no domínio da escrita. O que há aí são entidades cuja união entre significado e significante constituem realidades no funcionamento da língua. Entretanto, a maneira como essas entidades serão delimitadas, passando a ter um sentido, está em função de como o linguista, na condição de leitor/ouvinte, estabelecerá os limites entre elas.

Como a fala é o documento de língua a partir do qual o linguista faz sentido sobre os signos linguísticos, é possível que, ao prestar-se desse documento para estabelecer os limites entre “pé”, “de” e “Klin” em “pé de Klin”, o sentido seja que a todo pé de criança cabe calçar a marca Klin; se colocar os limites em “pede” e “Klin”, o sentido poderia ser de que toda criança/todo pé de criança pede a marca Klin. De uma forma ou de outra, a função apelativa do comercial pode ser cumprida. Mesmo que o linguista não consiga ver a possibilidade de se reunir “pé” e “de” para formar “pede Klin”, essa função pode ser cumprida porque ele pode compreender que pé de criança é igual aos calçados Klin, isto é, que esses calçados cabem bem nos pés das crianças, entre outras interpretações possíveis.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.buzzfeed.com/manuelabarem/8-comerciais-brasileiros-que-foram-totalmente-crueis-com-as>. Acesso em 5 dez 2014.

Entretanto, como o linguista não tem controle sobre o documento de língua que herdou, essa função apelativa pode não ser cumprida, se ele não conseguir estabelecer sentido(s) nessas entidades concretas. Conseqüentemente, nem toda entidade concreta poderá vir a ser uma unidade concreta. É, pois, ilusão crer que os espaços em branco, constitutivos da escrita de hoje, seriam suficientes para fornecer unidades concretas ao linguista.

Dizemos “escrita de hoje” porque na escrita dos romanos antigos, por exemplo, as entidades eram representadas todas em letras maiúsculas, uma após a outra, sem nenhum tipo de intervalo entre elas, a saber, espaço em branco ou pontuação. E, mesmo assim, eles conseguiam ler o que escreviam. Isso é a prova cabal de que não há nada de material na delimitação das entidades; ao contrário, é um processo psíquico, no qual o sujeito-falante tem de dobrar-se sobre a escrita para dela (re)tirar sentido(s). Sobre isso, operacionalizemos as noções de “corte” e “recorte”, já discutidos, na análise do próximo exemplar:

**Exemplar (2):** “Por que a polícia não gosta de sabão? R: Porque ela gosta de deter gente”<sup>25</sup>.

A compreensão da piada passa por uma dupla possibilidade de segmentação da cadeia acústica no processo de delimitação de suas entidades concretas. É possível tornar as duas entidades concretas “deter” e “gente” em uma única unidade, “detergente”. No entanto, também são possíveis: (i) fazer com que essas duas entidades permaneçam como duas unidades, “deter” e “gente” e (ii) estabelecer a unidade “detergente” e julgar que houve pouco engenho criativo no manejo da piada, uma vez que não reconheceu ali a outra possibilidade “deter” “gente” e, com isso, permanecer no jogo opositivo entre “sabão” e “detergente” como tipos diferentes de produto de limpeza. De qualquer forma, o que faz com que o sujeito-falante produza duas unidades, “deter” e “gente”, ou uma só, “detergente”, é prova de que ele faz um corte, não um recorte, na cadeia acústica. Expliquemo-nos.

Primeiramente, é necessário recordar que, tomando as palavras do próprio Saussure, o sentido cria a unidade concreta (cf. SAUSSURE apud ENGLER, 1989, p. 240). “Criar” aqui não implica que o sujeito-falante possa utilizar a língua a seu bel prazer, relacionando qualquer sentido à entidade, uma vez que é um documento de língua herdado que lhe faculta fazer cortes

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.piadascurtas.com.br/policia-nao-gosta-de-sabao/>. Acesso em 5 dez 2014.

nela. Como a língua se manifesta por meio de uma cadeia acústica e um dos princípios desta é a linearidade, os “elos” dessa cadeia, por assim dizer, não podem sobrepor-se.

Como já vimos, em francês, recortar (“découper”) implica compartimento, o que levaria a essa sobreposição. Suponhamos que estejamos recortando uma porção de EVA em forma de estrelinhas para fazer alguma decoração para uma festa infantil. Para não perdermos essas estrelinhas, decidimos colocá-las em uma caixa. À medida que recortamos essas estrelas, vamos dispendo-as na caixa. Como a caixa é pequena, por mais que as coloquemos de maneira organizada, algumas têm que ficar em cima das outras. Mesmo se a caixa fosse grande, não seria possível dispô-las indefinidamente em linha reta, já que chegaria um ponto da caixa em que teríamos que começar a fazer outra linha, e assim por diante. Então, o arquivo do documento de língua herdado é compartimentado. Embora, em “detergente” seja possível (entre)ver “deter” “gente”, o processo de delimitação das entidades linguísticas está para a seleção, por associação, de parâmetros fornecidos pelo documento de língua herdado, a fim de estabelecer sentido(s).

Cortar (“couper”) implica partilhar com um instrumento de corte. Ora, por mais que a compartimentalização das estrelinhas se dê de forma sobreposta, só é possível cortar uma estrela após a outra. Por conseguinte, ao diferenciar corte e recorte, parece-nos que Saussure intentou, antes de tudo, diferenciar processo e produto: o corte daria ênfase a esse processo que, inegavelmente, tem que ser feito linearmente; o recorte daria ênfase ao produto, que pode ser compartimentalizado de maneira sobreposta.

Tomando as devidas medidas para compreender essa metáfora, é necessário considerar que, na língua, tanto o processo quanto o produto se dão linearmente. Assim, a partilha que implica a noção de corte, além de levar à linearidade, também leva à socia(bi)lização, dado que, à medida que o sujeito-falante fala em uma cadeia linear, o interlocutor recebe essa cadeia também de maneira linear. Por isso, para Saussure, a cadeia acústica pode ser cortada, não recortada. Entretanto, como esse corte é sempre uma re-apresentação do que foi socialmente cristalizado pela língua, o que acaba ocorrendo é um re-corte, isto é, um corte que acontece de novo, de modo que algo já da língua se mantenha e algo diferente do estabilizado possa se dar; portanto, não se trata de recortar.

Assim, ao ler “porque ela gosta de deter gente”, o linguista colhe as entidades de maneira a dispô-las linearmente como unidades no processo de sintagmatização da língua, segundo aquilo que seu documento de língua, a fala, permite, dispendo “deter gente” como duas ou como uma única unidade linguística. Isso que o documento de língua permite tem justamente a

ver com o que está socialmente posto. Assim sendo, o corte que o linguista faz para a delimitação das unidades sempre será um re-corte. Vejamos o próximo exemplar:

**Exemplar (3):** “Corinthians faz apelo contra homofonia, mas são-paulinos lançam grito ofensivo no Morumbi”<sup>26</sup>.

Quando pensamos, como linguistas-leitores desta notícia, que a homofonia pudesse se constituir como um fato linguístico relevante para dar a ver a distinção entre entidade e unidade linguísticas, procuramos enunciados que retratassem casos de homofonia na Internet. A primeira tentativa foi digitar “homofonia” na barra de pesquisa do Google para ver se encontrávamos *sites* que, para além de explicar o que é a homofonia e citar palavras isoladas como exemplo, também apresentassem como exemplos enunciados em que esse fato linguístico ocorresse. Não encontramos exatamente o que procurávamos, mas encontramos o enunciado acima, que, à primeira vista, pareceu-nos um tanto estranho.

Esse enunciado refere-se à manchete de uma reportagem do *site* Meu Timão, de 14 de setembro de 2014. Ao lê-la, pensamos que se tratasse do fato de que os torcedores são-paulinos estivessem fazendo jogos de palavras, causando homofonia, a fim de ofender os jogadores do Corinthians. Assim, partimos para a leitura do texto que se seguia para compreender que tipo de homofonia teria sido produzida. Realmente, os torcedores fizeram jogos de palavras, mas não conseguimos compreender onde havia homofonia nos seguintes enunciados, que foram chamados de homofônicos pelo autor: “Gambá, me diz como se sente, porque você gosta de beijar? Ronaldo saiu com dois travecos, o Sheik selinho ele foi dar. Vampeta posou pra G, Dinei desmunhecou, na fazenda de calcinha ele dançou. Não adianta argumentar, todo mundo já falou, que o gavião virou um beija-flor”.

De fato, não há homofonia nesses enunciados, mas homofobia. O Corinthians fez apelo contra a homofobia e os torcedores são-paulinos lançaram gritos homofóbicos no Morumbi. Tanto o é que há exatamente a mesma reportagem em outros *sites* com o seguinte título:

---

<sup>26</sup> Disponível em:

[http://www.meutimao.com.br/noticia/155191/corinthians\\_faz\\_apelo\\_contra\\_homofonia\\_mas\\_sao-paulinos\\_lancam\\_grito\\_ofensivo\\_no\\_morumbi](http://www.meutimao.com.br/noticia/155191/corinthians_faz_apelo_contra_homofonia_mas_sao-paulinos_lancam_grito_ofensivo_no_morumbi)

Acesso em 5 dez 2014. Em 2016, ao tentar acessar esse link, descobrimos que ele não se encontra mais ativo. É possível que a administração do site tenha percebido o equívoco e, por isso, o tenha retirado.

“Corinthians faz apelo contra homofobia, mas são-paulinos lançam grito ofensivo no Morumbi”<sup>27</sup>. Este, por exemplo, é do *site* SPN, do mesmo dia 14 de setembro de 2014.

Desta maneira, o que nos interessa no enunciado deste exemplar é refletir sobre um motivo possível que levou o sujeito-falante escritor da manchete a trocar “homofobia” por “homofonia” e, ao longo de seu texto, “homofóbico” por “homofônico”. Essas entidades são parônimas. No entanto, não é meramente a troca do “b” por “n” que causa o estranhamento, mas, sobretudo, a maneira como a entidade significou em unidade a partir de tal troca.

Assim sendo, a partir da porção individual que esse sujeito-falante possuía da língua, a fala, ele se colocou nela, enformando o sentido comumente depreendido de “homofobia” na unidade “homofonia”. Em outras palavras, a entidade “homofobia” foi delimitada como a unidade “homofonia” no processo de sintagmatização da língua. Isso pode ter acontecido por vários motivos, dentre os quais seu desconhecimento sobre os sentidos socialmente cristalizados de “homofonia”, o que permitiu que a ela fosse atribuído um sentido que, aos nossos olhos, pareceu estranho. Ou mesmo por analogia com “sinfonia” para fazer significar “gritos homofóbicos harmônicos” como em uma “sinfonia”.

Fazer deslizar os sentidos cristalizados de “homofobia” em “homofonia” só comprova o fato de que, na língua, elas funcionam como entidades e que cabe ao sujeito-falante, a partir daquilo que a linguagem já lhe forneceu, fazer o re-corte, enformando-as de sentido. Consequentemente, o sentido está para a fala, ao passo que o significado, para a língua. Mas, quando esse re-corte é feito de maneira a produzir significações que não são comumente compartilhadas com outros sujeitos-falantes, há a produção de estranhamento. E o fato de o linguista poder reconhecer esses deslizes mostra que ele também está sendo operacionalizado pelas maneiras possíveis de converter as entidades em unidades no funcionamento da língua.

**Exemplar (4):** “Batatinha, quando nasce, espalha a rama pelo chão” e “Batatinha, quando nasce, se esparrama pelo chão”<sup>28</sup>.

A variação existente nesse dito popular chama a atenção para a questão da identidade linguística. Como vimos anteriormente, por mais que cada vocalização seja irrepitível, a cada vez que um sujeito-falante oraliza *Messieurs*, ele pode reconhecer identidade entre essas várias

---

<sup>27</sup> Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/439893\\_corinthians-faz-apelo-contrahomofobia-mas-saopaulinos-lancam-grito-ofensivo-no-morumbi?utm\\_content=Esportes=WhatEsportes&utm\\_content=Esportes](http://espn.uol.com.br/noticia/439893_corinthians-faz-apelo-contrahomofobia-mas-saopaulinos-lancam-grito-ofensivo-no-morumbi?utm_content=Esportes=WhatEsportes&utm_content=Esportes). Acesso em 16 jan 2015.

<sup>28</sup> Disponível em: [http://pt.wikiquote.org/wiki/Prov%C3%A9rbios\\_brasileiros](http://pt.wikiquote.org/wiki/Prov%C3%A9rbios_brasileiros). Acesso em 5 dez 2014.

formas oralizadas, não por haver algo intrínseco na entidade *Messieurs* que se acopla à unidade *Messieurs* nas suas diversas oralizações, mas por a entidade *Messieurs* entrar em relação com outras entidades, permitindo o reconhecimento de sua identidade, de maneira que ela seja delimitada como unidade. A unidade possui identidade não pelo que ela é, mas por entrar em relação com outras.

Assim sendo, mesmo quando há diferença na sintagmatização da língua, é possível encontrar a identidade. Apesar de o dito popular acima possuir as variações de “espalha a rama pelo chão” e “se esparrama pelo chão” e, assim, apresentar outras possibilidades de interpretação, conseguimos relacioná-las a uma identidade, remetendo a um mesmo dito popular. Por conseguinte, o reconhecimento da identidade é efeito dos milhares de re-cortes que o linguista pode empreender.

**Exemplar (5):** “Merisvaldo Cabeleireiro – só mente aos domingos”<sup>29</sup>.

O enunciado acima, pintado no muro de uma casa simples, sugere que ali residia uma pessoa que exerceria a profissão de cabeleireiro aos domingos. No entanto, o modo como o enunciado fora escrito, selecionando “somente” em detrimento de “só” e elidindo “trabalha”, acaba por promover a possibilidade de o sujeito-falante empreender outros cortes na cadeia e, assim procedendo, produzir outras interpretações. A homofonia existente na porção “só mente” pode fazer refletir sobre a realidade linguística, que trata da maneira como o signo linguístico é classificado gramaticalmente: substantivo, adjetivo, preposição, entre outros. Assim, “mente” pode ser delimitado como unidade linguística e assumir valor de verbo. Nesse sentido, “Merisvaldo” mentiria aos domingos e nos outros dias da semana, não.

Saussure questionava o intento dos gramáticos de engessar os signos em categorias fechadas, uma vez que a entidade, quando sintagmatizada como unidade, pode apresentar características diversas, permitindo que uma mesma entidade possa se apresentar em categorias gramaticais diferentes. Nesse sentido, no sistema, há a entidade linguística cuja imagem acústica é /SOMENTI/. A maneira como o locutor faz o re-corte na cadeia acústica, imprimindo-lhe significados, reflete o modo como entende esse enunciado que, por sua vez,

---

<sup>29</sup> Disponível em: [http://1.bp.blogspot.com/-UUgcR47jz9A/Uu-7d\\_pvMI/AAAAAAAAAK3I/DgEakvFJduE/s1600/humor-propaganda-placa+-+Copia.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-UUgcR47jz9A/Uu-7d_pvMI/AAAAAAAAAK3I/DgEakvFJduE/s1600/humor-propaganda-placa+-+Copia.jpg). Acesso em 5 dez 2014.

pode levar a uma escrita distinta. /SOMENTI/ pode ser sintagmatizada como “só mente” ou “samente”.

O humor que o enunciado pode provocar reside no fato de que “só mente” pode ser delimitado de dois modos. A diferença de sentido promovida por esses modos diferentes de delimitação das entidades no enunciado, quando reconhecida pelo sujeito-falante, provoca efeito humorístico. Assim, o re-corte da cadeia acústica em “samente aos domingos” produz um enunciado informativo e o re-corte da cadeia acústica em “só mente aos domingos” produz um enunciado avaliativo, cujo sentido pejorativo opõe-se ao que, provavelmente, fora intentado. Isso, além de mostrar que, de fato, a conversão de entidade à unidade depende da significação, também mostra que os signos da língua não estão engessados em uma única categoria gramatical, posto que a cristalização social permite variados modos de relações e, por conseguinte, de re-cortes.

Para nós, não há diferença entre “só mente” e “samente” por causa da grafia, mas, no sistema, em que apenas conta o que possui natureza acústica, essa diferença gráfica não provoca diferenciação. Nesse sentido, /SOMENTI/ pode, no sistema, ser tanto o advérbio “samente” quanto o verbo relacionado a um advérbio “só mente”. Essa possibilidade mostra como o sistema linguístico é aberto, permitindo tantas maneiras de segmentação quanto o que a significação permitir.

**Exemplar (6):** “Black Friday: tudo pela metade do dobro do preço”<sup>30</sup>.

Dado que a identidade linguística depende da relação e não da essência do signo, a noção de valor linguístico também depende das redes de relações estabelecidas no jogo da língua. Conseqüentemente, para poder apreender um sentido possível do enunciado acima, a ironia, é necessário compreender que os sentidos veiculados por “metade” e por “dobro” estão para além daquilo que essas unidades “essencialmente” significariam, mas por aquilo que o sujeito-falante estabelece de relação quando se serve da significação. A ironia desse enunciado acirra essa questão. Expliquemos.

Modalizamos a afirmação de que “metade” e “dobro” essencialmente *significariam* porque, na verdade, as relações que o sujeito-falante imprimiu para permitir a ironia demonstram, justamente, que não há essência nas entidades linguísticas. Essas se opõem

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.osvigaristas.com.br/frases/engracadas/>. Acesso em 5 dez 2014.



associativamente no sistema de modo a permitir uma diferenciação que sempre resulta da maneira como elas se negam, não da maneira como elas já carregariam em si algum significado. Desta maneira, a relação entre “metade” e “dobro” na porção “metade do dobro” é irônica porque os significados que esses signos contraem na relação levam a uma circularidade de valores. Em outras palavras, a metade do dobro do preço de 100 reais é 100 reais. Faz-se, com isso, a crítica de que, no Black Friday, não haveria desconto de verdade, seria uma enganação.

Isso nos mostra o fato de que as entidades só podem operar como unidades em um modo relacional de funcionamento, o que implica que a delimitação não é fruto meramente de um recorte, que compartimentaliza, mas de um re-corte, um sempre novo corte que possibilita a re-apresentação do que já está posto na língua e a criação do novo a partir disso. A consequência disso é que a língua torna possível a articulação da ironia, do humor, da homofonia, da homografia, da variação, entre outros, sobre aquelas porções linguísticas que, aparentemente, são “comuns” e “prosaicas”. Mesmo os locutores considerados iletrados conseguem prover a criatividade a partir desse aparente prosaísmo da língua falada no dia a dia. Se a língua fosse um sistema fechado, nada disso seria possível.

## 5. Conclusões

As análises realizadas levam-nos a problematizar a realidade linguística, sobretudo em relação à classificação gramatical do signo linguístico em: substantivo, adjetivo, preposição etc. Saussure questionava o intento dos gramáticos de engessar os signos em categorias fechadas, uma vez que a entidade, quando sintagmatizada como unidade, pode apresentar características diversas, permitindo que uma mesma entidade possa se apresentar em categorias gramaticais diferentes. Um clássico exemplo em português é o emprego de “aquele” em enunciados como “Eu vou lhe preparar aquele churrasco”, no qual a unidade “aquele” assume as características de adjetivo.

A consequência disso é que a identidade linguística depende da relação e não da essência do signo. Assim, a noção de valor linguístico também depende das redes de relações estabelecidas no jogo da língua. Para podermos, então, apreender um sentido possível de um enunciado, é necessário compreender que os sentidos veiculados pelos signos estão para além daquilo que essas unidades “essencialmente” significariam, mas por aquilo que o sujeito-falante estabelece de relação quando mobiliza a significação.

E é justamente nesse ponto que uma diferença entre entidade e unidade linguística pode ser (entre)vista: a entidade é o signo no jogo da língua, com as suas múltiplas possibilidades de segmentação, e a unidade é o signo delimitado pelo sujeito-falante na fala por meio da significação. A consequência disso é que esse sujeito-falante imprime re-cortes na língua. Isso traz consequências para o método linguístico. A maneira como o linguista delimita as unidades não é apenas um corte, posto que não há apenas o individual e o novo nessa delimitação, nem apenas um recorte, dado que as entidades linguísticas não estão em um compartimento fechado do qual se teria que, meramente, recortar e colar seus elementos em sintagma. O re-corte, ao contrário, implica o individual e o social funcionando em concomitância para reafirmar o funcionamento próprio da língua: sistema aberto sem começo nem fim.

Desta maneira, embora fique afirmado no CLG que, “em matéria de língua, sempre nos contentamos em operar sobre unidades mal definidas” (SAUSSURE, 1964, p. 154), isto é, que a entidade e a unidade linguística pareçam não ser muito bem definidas, os cadernos dos alunos de Saussure na edição crítica de Rudolf Engler vão dando-nos pistas para ressignificar essa dificuldade e encontrar meios de compreender sua relevância para o linguista na instituição das unidades da língua. Assim, é possível afirmar que, deste ponto de vista saussuriano, o linguista, ao fazer análise linguística, precisa estar também na condição de sujeito-falante da língua. Sem um documento de língua herdado, o sujeito-falante fica impossibilitado de atribuir sentido(s) à fala.

## Referências

AGUSTINI, C. O problema do signo linguístico em Saussure e em Benveniste. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, v. 33, Campinas, p. 109-130, 2015.

AGUSTINI, C; LEITE, J. Benveniste e a teoria saussuriana do signo linguístico: o binômio contigência-necessidade. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, v. 30, Campinas, p. 113-129, 2012.

AGUSTINI, C; SANTOS, F. A frase como unidade de discurso. (N)as teorizações de Émile Benveniste. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, v. 35, Campinas, p. 217-236, 2015.

JEUGE-MAYNART, I. **Le petit Larousse**. Paris: Éditions Larousse, 2012.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1964.

\_\_\_\_\_. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989.

Artigo recebido em: 16.12.2016

Artigo aprovado em: 13.02.2017